

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS BEM PEQUENAS

STORYTELLING FOR VERY SMALL CHILDREN

Mayara Tomé Tomaz Feuser¹

Gislene Camargo²

RESUMO: O presente artigo parte de reflexões baseadas no problema: Quais as intencionalidades pedagógicas dos professores de crianças bem pequenas com a contação de histórias? Desse modo, buscam-se referenciais teóricos em Criciúma (2016), Brasil (2018), Vigotski (2008), Leontiev (2001), Abramovich (1997), Giroto e Souza (2016), Debus (2006), entre outros. O objetivo geral da pesquisa se deu em analisar as intencionalidades pedagógicas dos professores de crianças bem pequenas com a prática de contação de histórias. Com isso buscou-se alcançar os objetivos específicos: Compreender a importância da contação de histórias para crianças bem pequenas, em momentos individuais e em grupos. Avaliar o entendimento dos professores de crianças bem pequenas sobre a utilização da contação de histórias e entender como está sendo utilizado o livro de literatura infantil pelos professoras, nas turmas de crianças bem pequenas. Para isso, foram realizadas entrevistas de cunho qualitativo e de caráter descritivo, sendo a entrevista na modalidade semiestruturada, destinada a (7) sete professoras de um Centro de Educação Infantil (CEI) de Criciúma-SC. Dito isso, foi possível perceber que para as pesquisadas, a contação de histórias é de suma importância para crianças bem pequenas, entretanto, as intencionalidades ainda estão vinculadas a temáticas trabalhadas na Educação Infantil e pouco direcionadas para o prazer, imaginação e criatividade.

PALAVRAS CHAVE: Contação de Histórias. Educação Infantil. Aprendizagem. Imaginação. Literatura.

ABSTRACT: This article is about storytelling for very small children in children's education, anchored in the following authors, Criciúma (2016), Brazil (2018), Vigotski (2008), Leontiev (2001), Abramovich (1997), Giroto Souza (2016), Debus (2006), Gil (2008), among others. In this way, the general objective of the research was to analyze the pedagogical intentions of teachers of very small children with the practice of storytelling. The aim was to achieve the following specific objectives: Understanding the importance of storytelling for very small children, in individual moments and in groups. Evaluate the understanding of teachers of very small children about the use of storytelling and understand how the book of children's literature is used by teachers in very small children's classes. Qualitative and descriptive interviews were conducted for this purpose, and the interview was conducted in the semistructured modality, with (7) seven teachers from a CEI in Criciúma-SC. It was possible to realize that, storytelling

¹ Graduada em Pedagogia UNESC., maytometomaz@gmail.com.

² Mestre em Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa Políticas Saberes e Práticas de Formação de Professores. Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC gislene@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, n^o1, janeiro/abril 2021. – Curso de Pedagogia – UNESC

is of paramount importance for very small children, however, the intentionalities are still linked to themes worked in Early Childhood Education and little directed for pleasure, imagination and creativity.

KEYWORDS: Storytelling. Kindergarten. Learning. Imagination. Literature.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Contação de histórias Crianças bem pequenas” se deu com o propósito de investigar as intencionalidades pedagógicas com a prática de contação de histórias de professores de crianças bem pequenas, que de acordo com a Base Nacional Comum Curricular corresponde a 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses. Nos dias atuais a educação infantil é vista como um direito da criança e, portanto, recebe recursos para atender essa clientela. Desse modo, o poder público fica encarregado de proporcionar para as crianças ambientes que acomodam e oportunizam um ensino e aprendizagem de qualidade.

A motivação da escolha do tema aconteceu pela oportunidade que tive de trabalhar em um CEIM de Criciúma-SC, por dois anos no estágio não obrigatório. Neste tempo, de 24 meses, pude articular a teoria com a prática, acompanhando o desempenho da escola e dos professores em proporcionar momentos de contação de histórias para as crianças em todos os tipos de ambientes. Esses projetos envolviam o CEIM todo, oportunizando também a contação em grupos. De acordo com o documento norteador do município, as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Criciúma-SC, percebeu-se a importância da contação de histórias para as crianças bem pequenas, porém, cada professora fazia uso da contação de história para diferentes objetivos, o que instigou a investigação sobre as intencionalidades pedagógicas.

Nesse sentido, formulou-se o problema: Quais as intencionalidades pedagógicas de professores de crianças bem pequenas com a contação de histórias? Desse modo, o objetivo geral definiu-se em analisar as intencionalidades pedagógicas dos professores de crianças bem pequenas com a prática de contação de histórias. Os objetivos específicos foram formulados para: a) Compreender a importância da contação de histórias para crianças bem pequenas, em momentos individuais e em grupos; b) Avaliar o entendimento dos professores de crianças bem pequenas sobre a utilização da contação de histórias e c) Entender como está sendo utilizado o livro de literatura infantil pelos professores, nas turmas de crianças bem pequenas.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº1, janeiro/abril 2021. – Curso de Pedagogia – UNESC

O artigo foi organizado em seções, sendo Introdução; Referencial teórico que contém o título *A Educação Infantil e a Legislação*. Infância, que trata das leis referentes aos direitos das crianças e seus avanços políticos. Essa seção tem como subtítulo: *A criança bem pequena e seus direitos de aprendizagem*, que traz essa nova denominação para a faixa etária de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, bem como as características principais desse segmento. A próxima seção refere-se à literatura trazendo como título *A importância da contação de história para as crianças bem pequenas: desenvolvimento da imaginação e gosto pela leitura*, que reporta as fases do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo da criança bem pequena com relação a contação de histórias. A seguir, a seção *A contação de histórias para crianças bem pequenas e as intencionalidades pedagógicas numa perspectiva histórico-cultural*. Retratando a importância da leitura como o início para aprendizagem cultural. Por fim, a apresentação de dados da pesquisa que foi realizada em um CEI de Criciúma-SC com (7) sete professoras da Educação Infantil que trabalham com crianças bem pequenas.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEGISLAÇÃO

A Educação Infantil teve avanços significativos nessas últimas décadas, trazendo como principal aporte a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9394/96, onde a Educação Infantil passa a ser denominada como a primeira etapa da Educação Básica. Por isso, cabe às instituições, elaborarem o currículo de forma coletiva por professores, gestores e comunidade. Garantindo assim, os eixos propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) que são as *Interações e as Brincadeiras*.

Fundamentadas na LDB e na DCNEI, foram lançadas as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Criciúma/SC, com objetivo de ampliar o processo de ensino e aprendizagem das crianças da Educação Infantil. É relevante lembrar que no ano de 2018, foi divulgada a BNCC, que foi elaborada conforme as DCNs, uma vez que um documento não exclui o outro. Entende-se assim, que a partir dos anos 1980, a Educação Infantil recebeu um bom amparo legal.

De acordo com Criciúma (2016), na década de 1950 não existia uma infância declarada. Por esse motivo, entender o conceito de infância é essencial. Sabe-se que as crianças

eram consideradas adultos em miniatura, se vestiam como adultos e trabalhavam como tal, não havia o sentimento de infância que temos nos dias atuais. Conhecendo essa trajetória, entende-se que a infância/criança passou por um processo de mudança até chegar aos dias de hoje. Essa trajetória por sua vez garantiu à criança seus direitos.

Na cidade de Criciúma, esse processo de mudanças não foi diferente e, conforme está registrado em Criciúma (2016), as crianças ajudavam seus pais e familiares nas tarefas domésticas, não tendo espaço para brincar e aprender. Entretanto, com as discussões e estudos, a história foi se modificando, e as infâncias foram se constituindo de significados. Ao tratar de infâncias e não infância, respeita-se as diferentes culturas e sociedades.

Ainda de acordo com Criciúma (2016), a fase do zero aos cinco anos é a base para o desenvolvimento do ser humano. É nesta fase que a criança se desenvolve, aprendendo a andar, falar, ler, escrever, desenvolvendo os aspectos afetivos, cognitivos, motor entre outros. Entende-se que pela mediação de seus pares ou adultos, as crianças passam por processos, como o de adaptação e desenvolvimento. Portanto, o professor da Educação Infantil precisa conhecer sobre o desenvolvimento das crianças, para promover a apropriação de novos conhecimentos e desse modo viverem a infância e aprenderem a conviver, brincar e se desenvolverem em grupo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) faz considerações importantes sobre a criança, nesse sentido busca-se na próxima seção apresentar algumas definições sobre as crianças bem pequenas.

2.1 A criança bem pequena e seus direitos de aprendizagem

Na BNCC, há uma definição da faixa etária que representa a primeira infância: bebês (0 a 1 ano e 6 meses); crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Nesse artigo trataremos especialmente da criança bem pequena, salientando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, os campos de experiência e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil.

A BNCC trata das questões curriculares da Educação Básica, sendo que a Educação Infantil é considerada sua primeira etapa. Desse modo, no que se refere ao desenvolvimento infantil, deixa claro em sua proposta a importância do vínculo da criança com a escola.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens[...]. (BRASIL, 2018, p. 34).

Com isso, entende-se que família e escola têm se tornado grandes aliadas no quesito educação e desenvolvimento, produzindo cultura dentro e fora da escola. Ademais, o documento nos fala a respeito dos eixos estruturantes e das práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Básica, que são os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que possibilitam à criança desempenhar um papel ativo na sociedade. Torna-se importante ressaltar cada um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Tendo em vista que a criança aprende a conviver com outras crianças e adultos, em grandes grupos ou pequenos estabelecendo relações com outras culturas, ressalta-se o direito de brincar de diferentes formas, em espaços diferentes, promovendo conhecimentos novos e experiências sociais e cognitivas. Assim, a criança bem pequena interage ativamente com adultos e outras crianças durante sua rotina na creche, desenvolvendo novas habilidades, explorando movimentos, sons, formas, palavras e sentimentos. E, portanto, expressando suas reações, fazendo descobertas e questionamentos, construindo sua própria identidade na vivência escolar.

Desse modo, trabalhar com crianças bem pequenas exige do educador refletir, organizar, planejar, e mediar situações de aprendizagem, garantindo situações que promovam práticas para o desenvolvimento pleno das crianças. Os direitos de aprendizagem e desenvolvimento em que a BNCC está estruturada, conta com cinco campos de experiências que contribuem com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. “Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.” (BRASIL, 2018, p. 38).

Conforme Brasil (2018), os campos de experiência são: *O eu, o outro e o nós*, que possibilitam à criança conhecer suas capacidades e enfrentar novas dificuldades e desafios,

consolidando a interação adulto e criança, trazendo a exploração de emoções, elevando a autoestima e conflitos, fazendo com que essa criança sintam-se pertencente a um grupo. *Corpo, gestos e movimentos*, a criança ao fazer uso das suas possibilidades corporais ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas podem explorar novas formas de deslocamento como: pular, saltar, dançar combinando corpo, gestos e movimento. *Traços, sons, cores e formas*, que caracteriza-se em conviver com diferentes atrações artísticas, sejam elas culturais ou científicas, proporcionando que a criança explore variados movimentos rítmicos corporais, assim desenvolvendo suas competências, apropriando-se das culturas existentes em seu meio para se relacionar e vivenciar experiências com diferentes padrões de cultura. Ademais, Brasil (2018, p. 40) nos diz que

Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações – As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.).

Sabendo que esse artigo trata da contação de histórias, é importante ressaltar especialmente o campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, que afirma:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p. 38).

Desse modo, a contação de histórias é destaque no que diz respeito à importância da fala, escuta, narrativa, cultura oral, para a constituição de um sujeito único, que faz parte de um grupo social. Assim, a próxima seção aborda a contação de histórias e sua importância para o desenvolvimento das crianças.

3 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS BEM PEQUENAS: DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO E GOSTO PELA LEITURA

As histórias infantis contribuem imensamente com o processo de imaginação e criatividade das crianças, pois seus personagens, seus cenários, envolvem os pequenos ouvintes e os levam para mundos imaginários.

Vigotski (2008) fala a respeito da criatividade, imaginação e desenvolvimento do ser humano. O autor cita dois tipos básicos de ações como o de criação e de reprodução. A ação reprodutiva, segundo o autor, consiste no fato do ser humano copiar e repetir atividades antes já elaboradas, assim relembando o passado, ou seja, não criando algo novo, mas sim reproduzindo algo pronto, já existente.

É fácil compreender a grande importância que tem para a vida humana a conservação da sua experiência anterior, na medida em que isso facilita a sua adaptação ao meio exterior, criando e estimulando hábitos permanentes que se repetem nas mesmas circunstâncias. (VIGOTSKI, 2008, p. 02).

O autor destaca que nosso cérebro e nervos funcionam neste sentido, fazendo com que essas atividades já realizadas anteriormente sejam lembradas, garantindo que o ser humano se recorde de situações as quais já passou e as repita. Entretanto, a atividade cerebral não se resume somente em conservar experiências, mas também em criar. “Toda a atividade humana que não se restringe à reprodução de fatos e impressões vividas, mas que cria novas imagens e ações pertence a essa segunda função criadora ou combinatória.” (VIGOTSKI, 2008, p. 03). Segundo o autor, a psicologia chama de imaginação ou fantasia essa ação do cérebro humano, e é a partir da imaginação que criamos coisas novas e fazemos descobertas. Dito isso, a criatividade não existe somente em grandes mentes, mas está dentro de cada pessoa que usa a imaginação. Haja vista que para psicologia e pedagogia infantil, para o homem ampliar suas capacidades de imaginação e criação ele precisa ser incentivado desde criança a essas atividades.

Do mesmo modo, Leontiev (2001) nos diz que a criança passa por estágios reais de desenvolvimento, sendo um deles a infância pré-escolar que é vista como o período de desenvolvimento da realidade humana para a criança. É a partir dessas atividades que a criança

entra em contato com pessoas e objetos desconhecidos, que por sua vez fazem toda diferença para o desenvolvimento. A imitação é uma dessas ações, a criança observa um ato de um adulto e em seguida o reproduz, como por exemplo: vê um adulto andar em seu carro e imagina como se estivesse andando também.

Ela assimila o mundo objetivo como um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com eles. Ela guia um “carro”, aponta uma “pistola”, embora seja realmente impossível andar em seu carro ou atirar com sua arma. Mais neste ponto de seu desenvolvimento isso é irrelevante para ela, porque suas necessidades vitais são satisfeitas pelos adultos, independentemente da produtividade concreta de seus atos. (LEONTIEV, 2001, p. 59).

Além do mais, o autor cita as relações que a criança estabelece ao decorrer desse processo de adaptação com o meio e com as coisas que estão ao seu redor, ou seja, o que determina o desenvolvimento da psique (personalidade) da criança são as atividades em que ela se envolve no decorrer do seu crescimento. Considerando que “Ao estudar o desenvolvimento da psique infantil, nós devemos, por isso, começar analisando o desenvolvimento da atividade da criança, como ela é construída nas condições concretas de vida” (LEONTIEV, 2001, p. 63). Tendo em vista isso, se a criança realiza a imitação das atividades do adulto e seus pares, isso aponta que um adulto leitor, pode ensinar por meio de leitura e contação de histórias o gosto pela leitura.

Contudo, Vigotski (2008) nos fala que, para entender o mecanismo psicológico da imaginação e criatividade precisamos compreender a relação entre fantasia e a realidade no desenvolvimento do ser humano. O autor nos diz: “Já tínhamos chamado a atenção para a ideia errônea do senso comum, que estabelece uma fronteira intransportável entre a realidade e a fantasia.” (VIGOTSKI, 2008, p. 09).

Ainda de acordo com Vigotski (2008), há quatro formas básicas que juntam atividade de imaginação à realidade e nos mostram que a imaginação não é somente uma atividade divertida do cérebro, mas sim é uma função vitalmente necessária para o desenvolvimento humano. A primeira forma básica se situa na ligação da fantasia com a realidade, ou seja, entende-se que qualquer ato imaginativo só se cria segundo a realidade. A segunda forma está relacionada à primeira, pois o homem reproduz segundo relatos de histórias, isto é, ele copia o que aprendeu e a partir disso ele cria algo novo, ou seja, isso só se torna

possível se alguém socializar experiências. Na terceira forma, a ligação entre fantasia e realidade está focada no emocional, pois sentimentos de ‘angústia e alegria’ não fazem o mesmo sentido.

Diante disso, o autor nos fala que “[...] todo o sentimento e emoção tendem a revelar-se em determinadas imagens que lhe correspondem, como se a emoção tivesse capacidade de escolher as impressões [...]” (VIGOTSKI, 2008, p. 15). Assim, entende-se que a imaginação influencia sim nos sentimentos das pessoas. E para finalizar, a quarta forma fala que a construção da fantasia pode implicar em algo novo, tendo em vista que esses objetos não correspondem a nenhum modelo já existente. O sentimento e pensamento movem a criatividade e é essencial que façamos e utilizemos as quatro formas básicas de fantasia e realidade.

A imaginação pode ser incentivada por meio de contação de histórias, e as crianças bem pequenas poderão criar seus mundos imaginários. Um dos gêneros textuais preferidos pelas crianças bem pequenas são os contos de fadas que de acordo com Abramovich (1997), possibilitam diversos sentimentos na criança como: fantasia, medo, alegria, tristeza, angústia, surpresa entre outros. Desse modo, compreende-se que é de suma importância que o educador saiba contar histórias. Conforme a autora, o enredo das histórias permite:

[...] suscitar o imaginário, e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) É possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos nós vivemos e atravessamos- dum jeito ou de outro-atraves dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

As autoras Giroto e Souza (2016), destacam que os adultos são mediadores das práticas de narração de histórias, por meio disso, instigam a curiosidade e o interesse pela leitura, se tornando grande influência para imaginação, trazendo assim ludicidade e imaginação aos pequenos. Nesse sentido, o adulto pode estabelecer laços por meio da contação, utilizando movimento, barulhos e gestos durante o ato de ler e contar histórias, desse modo contribuindo com o desenvolvimento da criança.

Mello (2016) defende que além de curiosidade e interesse pela leitura, o incentivo pela contação de histórias na infância ocasiona o desejo de ler e compreender textos escritos. A autora afirma ser esse o papel essencial da educação literária na infância, desde a criança bem

pequena. A autora ainda destaca que o gosto pela leitura é oportunizado pelo comprometimento do adulto com a prática de leitura para com a criança, assim causando ações de atenção e cuidado. Aos cuidados desse adulto, a criança bem pequena pode estar conhecendo o livro, folheando as páginas, desse modo provocando a imaginação. “Assim, quem ouve se inteira do prazer do outro que conta e quer mais, pois literatura é mais que diversão ou entretenimento, é sedução pelas palavras” (MELLO, 2016, p. 43). A autora cita que para a formação do gosto pela leitura é preciso que as crianças tenham acesso aos livros e por intermédio dos adultos conheçam as histórias que existem dentro de cada capítulo.

Dessa forma, quando o professor inclui o livro de literatura infantil na rotina da educação Infantil, pode se tornar uma vivência significativa e transformadora na vida dos pequenos.

Assim, seja por meio da organização de espaços que favoreçam a relação do bebê e dos pequenos com os livros, seja pela seleção do material disponibilizado, pela forma com os adultos leem para eles, o objetivo é criar nas crianças um sentido positivo do que seja o ato de ler, associado à função que a leitura tem em nossa sociedade: ler para conhecer, para saber mais, ler para compreender algo, ler para conhecer outros pontos de vista, outras formas de pensar, para conhecer outros tempos, outros lugares, e ler também para se seduzido pelas palavras. (MELLO, 2016, p. 48).

Dito isso, além de alimentar a imaginação e ludicidade, a contação de histórias orienta a criança bem pequena a ser um adulto leitor, que lê não apenas por obrigação, mas sim por gosto à leitura. Fomentando essa ideia, Debus (2006) cita que a criança antes mesmo de conhecer o código escrito, já se constitui leitor pelo processo de interação com o professor e com as outras crianças presentes no seu cotidiano. É por meio da mediação que o profissional tem grande importância no processo do desenvolvimento da imaginação e do gosto pela leitura. Desse modo, a próxima reflexão teórica busca tratar das intencionalidades pedagógicas no trabalho do professor de crianças bem pequenas.

3.1 A contação de histórias e a leitura do livro para crianças bem pequenas e as intencionalidades pedagógicas numa perspectiva histórico-cultural

Abramovich (1983) afirma que a contação de histórias é muito importante para a

aprendizagem do ser humano e que incentivando a leitura, iremos ter bons leitores no futuro. Portanto, para se fazer uma contação de histórias, o profissional precisa estar bem preparado, tem que conhecer o livro, lendo antes e sabendo suas pausas, assim trazendo a emoção da história para seus alunos.

[...] Quem lida com crianças precisa se atualizar com as propostas, se munir de novos (ou antiquíssimos) referenciais, acompanhar a trajetória de como se vê uma criança, mas sobretudo, pelo prazer que um bom texto (e isto decididamente independe da faixa etária do leitor) provoca. Texto bom é bom para qualquer idade! (ABRAMOVICH, 1983, p.15).

Portanto, o profissional precisa entender a história e se envolver com ela. É importante em uma contação que haja boa entonação da voz, quando se precisa falar bem alto, ou sussurrar uma fala. É necessário que quem esteja lendo faça uma atuação bem planejada ao ler uma história de suspense, por exemplo (ABRAMOVICH, 1983).

No mesmo sentido, Debus (2006) diz que para contar histórias o professor precisa ter conhecimento prévio do livro escolhido para saber as pausas, projetar sua voz e seguir os tons que ele está pedindo para assim dar intencionalidade à história. A autora cita também que o corpo tem papel preciso para eficácia do engajamento com a contação, ou seja, a direção e flexibilidade dos movimentos acrescentam de forma fundamental para ludicidade. A autora nos diz que, “Contar histórias não é algo inato - o repertório é construído aos poucos, como também é aos poucos que se descobre as manhas e artimanhas desse exercício.” (DEBUS, 2006, p. 77).

Porém, Abramovich (1983) cita a leitura como o início para aprendizagem, e ainda fala a respeito do infinito caminho a ser seguido por um leitor que é despertado muito cedo, e acredita que essa prática traz diversos benefícios à vida das crianças. Considera também que o professor precisa ler muito mais livros e precisam entender que a literatura não é apenas um instrumento para ensinar a ler.

Contribuindo com a ampliação das intencionalidades pedagógicas, Debus (2006) cita a leitura oral e contação de histórias como estratégias para aprendizagem, desde que o professor saiba diversificar suas práticas pedagógicas. Apesar de que na leitura oral os textos sejam mais complexos e extensos, esse contato da criança com a oralidade é fundamental para o conhecimento da leitura escrita.

Ainda nesse sentido, Silva; Chevbotar (2016) nos falam acerca da contação de histórias como meio de aprendizagem, segundo a Teoria Histórico-Cultural no desenvolvimento infantil. Tendo como centro as crianças bem pequenas, as autoras falam a respeito do conhecimento histórico e socialmente elaborado pelos seres humanos para com a cultura humana, essas discussões nos dizem que o homem não nasce humano, mas sim se torna humano pela sua adaptação com a cultura histórica que é colada pelas gerações anteriores. Tendo em vista isso, a aprendizagem dessas crianças acontece pela mediação do adulto para com a leitura, assim fazendo do livro um objeto cultural. As autoras nos falam da existência de ações que possibilitam ao homem conhecer a cultura humana, essas ações por sua vez possibilitam o desenvolvimento da personalidade das crianças.

Segundo a Teoria Histórico-Cultural, referenciando as crianças bem pequenas, o primeiro desenvolvimento é o da percepção sensorial, em seguida a percepção tátil, visual, e é partir dessas experiências sensoriais, visuais que a criança bem pequena vai conhecendo os objetos que possibilitam o desenvolvimento do vocabulário infantil. Além disso as autoras afirmam que:

Assim, o livro traz ao bebê duas vivências importantes para seu desenvolvimento pleno: ao ouvir uma história vai conhecendo os sons da língua materna e inicia com eles a atribuição de significado/compreensão das palavras e, ao manusear o objeto livro, conhece suas propriedades pela exploração e tem a possibilidade de imitação da ações que presenciou o adulto fazendo e, neste ato imitativo, aprende as formas de utilização deste objeto. (SILVA; CHEVBOTAR, 2016, p. 61).

Neste sentido, o livro de literatura infantil é identificado pelas autoras como um objeto de cultura humana e é por meio do mesmo que acontecem as explorações e aprendizagens. Desse modo, os objetos oferecidos às crianças são essenciais para sua formação humana, pois provoca a curiosidade.

O primeiro contato da criança com o livro possibilita também o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, pois a criança bem pequena tem a oportunidade de manusear esse material, conhecendo-o melhor. “Do mesmo modo, no que diz respeito aos livros, a criança primeiro se apropria de seu ‘significado generalizado’, manipula, folheia, observa as imagens, figuras/letras e cores.” (SILVA; CHEVBOTAR, 2016, p. 63). As autoras nos falam também

em relação ao material dos livros de literatura infantis, que têm que ser para o manuseio adequado para os pequenos, como os livros de brinquedo, pano, cartonados, emborrachados, o que produzem sons, cores e brilhos que chamam a atenção da criança e permitem o contato sensorial dos pequeninos com o mundo lúdico de descobertas.

A mediação do adulto, segundo a teoria histórico-cultural, permite a construção de laços com a criança, trazendo-a para o convívio com o livro. Por isso, para contar uma história, o mediador precisa não somente estabelecer laços, mas sim pensar nessas situações como prazerosas, direcionando as emoções, sentimentos e desejos que possam ser provocados por meio da contação, se tornando extremamente significativos para formação dos pequenos leitores.

As autoras Ribeiro, Lima e Silva (2016) citam a teoria histórico-cultural e dizem que para cada etapa do desenvolvimento humano existe uma atuação que equivale à necessidade de cada indivíduo, essa relação acontece com o meio e com a cultura que a pessoa está inserida. Nos dias atuais, a educação e a primeira infância têm ganhado um novo olhar, salientando a infância como principal etapa de descobrimento e desenvolvimento das capacidades humanas. Sendo assim, a contação de histórias por se tratar de um campo interdisciplinar, que abrange todas as áreas tem grande influência sobre a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, ou seja, a relação criança e livro é de extrema importância. Além disso, as autoras afirmam que

[...] a criança tem uma capacidade de aprendizagem como caráter seletivo e específico, o que significa que, em cada etapa de seu desenvolvimento, ela apresenta uma sensibilidade em relação a determinadas influências educativas e a determinados tipos de atividade e não em relação a todos. Em geral, a criança pequena é bem mais sensível no que diz respeito às formas de ensino que incidem sobre o desenvolvimento de percepção da imaginação e do pensamento em imagens. (RIBEIRO; LIMA; SILVA, 2016, p. 88-89).

Nesse sentido, a relação criança e livro está ligada com o meio e com as partes, uma vez que o mundo é apresentado para as crianças de diferentes modos, ampliando o desenvolvimento das capacidades, sendo uma delas o prazer pela literatura. É por meio dessas atividades que envolvem objetos e interação que a criança descobre a função das coisas, como, por exemplo, a experimentação da literatura infantil tendo como mediadora uma professora. A partir desse contato cabe ao profissional orientar essa criança em relação ao objeto livro,

propriedades, cuidados e modos de uso, assim possibilitando à criança apropriar-se dos contextos existentes nos livros de literatura infantil.

Segundo Brasil (2018), as intencionalidades pedagógicas requerem conhecimento teórico, pois a prática não se sustenta sem a teoria. Nesse sentido, a teoria histórico-cultural oferece referenciais importantes no ensino de literatura às crianças bem pequenas, inclusive com a ideia de formação integral e interdisciplinar, onde todos os conhecimentos são considerados significativos.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as intencionalidades pedagógicas dos professores de crianças bem pequenas com a prática de contação de histórias. Desse modo, foram entrevistadas 7 (sete) professoras que atuam com crianças bem pequenas na Educação Infantil, no município de Criciúma/SC. As entrevistas foram realizadas no período de 28 a 29 do mês de março de 2019, na instituição onde elas mesmas trabalham, no horário do intervalo de almoço. As professoras se dispuseram a responder a entrevista semiestruturada com 6 (seis) questões, assinaram o termo de compromisso e foram bem receptivas. As entrevistas foram gravadas em um dispositivo móvel e transcritas/digitadas, totalizando 9 (nove) folhas A4.

A escolha pela pesquisa de campo deu-se por sua amplitude e qualidade das respostas das entrevistadas. Foi realizada uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória, de caráter básico. Segundo Gil (1988, p. 42):

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc.

Dessa forma, para encontrar respostas ao problema desta pesquisa, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi, entrevista na modalidade semiestruturada, pois segundo Gil (1988) esse tipo de instrumento de levantamento de dados é flexível, fazendo com que entrevistado e entrevistador possam ir além do que está previsto no roteiro de questionamentos a ser aplicado. Por sua vez, a entrevista se deu com a abordagem qualitativa, que buscou

compreender como está sendo utilizado o livro de literatura infantil pelos profissionais, assim estabelece-se relações qualitativas, trazendo para a entrevista as relações do mundo real com o sujeito entrevistado.

As professoras entrevistadas são formadas em Pedagogia, atuam na Educação Infantil com crianças bem pequenas. Como a pesquisa gira em torno da contação de histórias, as entrevistadas serão identificadas por nomes de personagens de histórias infantis: Branca de Neve, Fiona, Pocahontas, Aurora, Valente, Ana e Malévola.

As respostas das professoras foram agrupadas por Blocos de Análise: Eu conto a história do livro e tem dia que eu viajo na maionese igual eles e O livro de literatura no cotidiano da creche.

4.1 “Eu conto a história do livro e tem dia que eu viajo na maionese igual eles”

Este bloco de análise irá tratar de questões relacionadas à importância da contação de histórias para crianças bem pequenas e as intencionalidades pedagógicas, tendo em vista as experiências das professoras dentro do Centro de Educação Infantil (CEI).

Quanto à importância da contação de histórias, a resposta obteve unanimidade, as sete entrevistadas relatam que a contação de histórias tem importância na vida das crianças. Pocahontas foi efusiva: “[...] é extremamente importante!” e Ana completa: “Muito importante, não só a história em si, mas com o lúdico e o faz de conta.” A ludicidade apareceu em mais quatro (4) respostas, sendo que para Branca de Neve a contação de histórias se transforma no mundo lúdico das crianças. Com isso, Debus (2006) concorda quando cita que para estimular o interesse das crianças pela história, é preciso que o adulto leitor traga para essa contação a ludicidade. Quanto à ludicidade, cabe a referência ao subtítulo desta seção, quando Valente diz que “*viaja na maionese*” junto com as crianças, ela também entra no mundo lúdico, consegue viajar com elas no mundo da imaginação.

Sabendo que todas as professoras consideram a contação de histórias importante, questiona-se as intencionalidades pedagógicas com a contação de histórias em seus planejamentos e se contam as histórias ou fazem leitura do livro.

Diante disso, todas as entrevistadas falaram que a contação de histórias está presente em seus planejamentos. Branca de Neve, Ana e Fiona dizem planejar a contação de histórias em relação ao que as crianças vivem no seu dia a dia, trazendo para a contação de histórias temas pedagógicos como a alimentação e higiene, ou seja, a contação de histórias serve como mediadora de conhecimentos. Nesse mesmo sentido, Valente diz trabalhar com histórias para que as crianças “aprendam a não bater e a transmitir carinho”, salientando que “dessa forma pode trazer vários ensinamentos para as crianças”. Além do mais, Pocahontas cita que traz as histórias dentro de seu planejamento de acordo com assunto que vai trabalhar, para que a criança possa ver o real, “não apenas a fala, porque o livro auxilia no concreto, posso mostrar as imagens e ele explorar as imagens de acordo com que estou trabalhando.” Ademais Malévola diz que as histórias entram em seu planejamento de acordo com a vivência no dia a dia com as crianças, a entrevistada diz que “surge uma historinha ali relacionado com o que a gente planejou.” Pelas respostas, percebeu-se que as histórias são escolhidas para contribuir com o tema trabalhado.

Somente Aurora diz que quando utiliza a contação de histórias em seu planejamento considera que as crianças conheçam novos personagens e possam criar suas próprias imaginações. De acordo com Ribeiro; Lima; Silva, (2016) a relação da criança com o livro está ligada com o meio e com as partes, uma vez que o mundo é apresentado para as crianças de diferentes jeitos, sendo um deles o prazer pela literatura.

As entrevistadas também foram questionadas se contavam as histórias ou faziam a leitura do livro. Todas as entrevistadas responderam fazer os dois, tanto contam as histórias quanto fazem leitura do livro, entretanto, Fiona diz que gosta mais de contar a história, pois quando lê acha que fica presa na história em si, e quando conta do seu jeito, diz chamar mais a atenção das crianças. Abramovich (1997) diz que o narrador tem que transmitir confiança e motivar a atenção para despertar a admiração das crianças. Sendo assim Branca de Neve, Aurora e Malévola dizem fazer a contação de histórias mostrando as imagens do seu jeito, para não cansar muito as crianças, pois segundo as entrevistadas as vezes o livro “é muito grande”. Pocahontas fala que vai mostrando as imagens e vai fazendo perguntas a respeito da história, assim *facilitando* para que criança entenda melhor a história. Ressaltando que na contação de

histórias, se a criança pode viajar ou imaginar, não cabe a professora *facilitar*. Desse modo Girotto, Souza (2012) nos dizem que:

[...] adentrando o mundo lúdico com verdade, amor encantamento, ao narrar histórias, estaremos transformando palavras em memória afetiva, palavra em formação do pensamento, em imaginação, em atividade criadora, em ação humanizante. (GIROTTTO; SOUZA, 2016, p. 39).

Valente cita que a contação de histórias é um dos momentos preferidos das crianças, pois podem ajudar na produção das histórias, contribuindo com a professora e os colegas. Para elucidar essa questão, se faz importante citar Brasil (2018), que está estruturada em cinco campos de experiências que contribuem com os objetivos de aprendizagem desenvolvimento. Dessa forma é necessário citar um desses campos que é: *Escuta fala, pensamento e imaginação*, que por sua vez está relacionado a contação de histórias e a imaginação provocada em cada criança. Valente ainda nos diz que, “eu conto a história do livro e tem dia que eu viajo na maionese igual eles né vou criando, é a parte que eles mais gostam. Sempre tenho nas caixas roupas que eu visto, e tem uma música que a gente canta antes de contar a história.” Ana disse usar fantoches em suas práticas de contação de histórias, cita que por meio de fantasias e fantoches as crianças ficam mais curiosas pelas histórias.

Conclui-se que todas as entrevistadas consideram a contação de histórias importante para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças bem pequenas. Com isso nota-se que trabalham a contação de histórias utilizando diferentes recursos, possibilitando interação professor e aluno. Ao se analisar as intencionalidades pedagógicas, compreende-se que a maioria delas vincula a contação com os temas a serem trabalhados. Cabe também elucidar que três entrevistadas falaram sobre o estímulo à imaginação, o que se considera muito importante.

4.2 O livro de literatura no cotidiano da creche

Esse bloco de análise aborda a relação das entrevistadas com o uso do livro de literatura infantil, tendo como questões norteadoras a escolha do livro e utilização do mesmo no cotidiano da creche. Abordando também estudos e referenciais utilizados pelas entrevistadas com relação à contação de histórias. Dessa maneira Abramovich (1983) diz que o profissional

precisa selecionar muito bem o material a ser utilizado para contação de histórias, com isso se faz importante estudar a história, conhecer seus meandros para atingir seus objetivos e intencionalidades pedagógicas.

Sobre como escolhem os livros, Branca de Neve, Fiona, Pocahontas, Aurora e Malévola dizem seguir o projeto de ensino, ou seja, a escolha está vinculada aos temas abordados na Educação Infantil. Branca de Neve menciona que, baseada no projeto, “escolho os livros com poucas falas e mais gravuras, para despertar a curiosidade da turma”. Essa fala é importante, pois revela que a escolha dos livros se dá pela professora e pelo que ela considera que as crianças bem pequenas aprendem/entendem sobre literatura. A respeito disso Mello (2016) nos diz que:

Essa atitude docente corresponde à afirmação de que cabe ao professor não apenas selecionar os conteúdos humanizadores que devem ser apresentados às novas gerações para a reprodução e produção de sua humanidade, mas também buscar as formas adequadas para promover a apropriação desses conteúdos, a formação dessas atitudes. (MELLO, 2016, p. 48).

Contribuindo, Fiona fala que em determinados momentos, a ideia da contação surge fora do projeto, “[...]eles me perguntam a história do chapeuzinho vermelho, eu vou lá e mostro [...]”. Valente e Malévola mencionam a escolha do livro segundo as necessidades de cada turma. Malévola diz que “[...] a gente vai lá vê um livrinho, historinha relacionada e vê se dá certo [...]”, a fala de Malévola aponta que o livro pode surgir durante a realização do projeto, mas sempre como algo relacionado ao mesmo.

Como salientado pelas entrevistadas, a escolha do livro de literatura infantil parte da necessidade de cada turma e dos planejamentos das profissionais. No entanto, somente uma professora destacou o prazer pela leitura. Tendo em vista isso, foi questionado se há um momento específico para a contação de histórias no cotidiano da creche. Compactuando com Mello (2016), é preciso que as crianças tenham acesso aos livros por meio dos adultos, assim, das sete (7) entrevistadas, seis (6) dizem trabalhar pelo menos uma vez na semana com a contação de histórias. Branca de Neve diz que quase todos os dias lê um livro para turma. Já Fiona ressalta, “trabalho bastante, pois o que a gente mais usa é o livrinho de literatura deles [...]”. Pocahontas declara usar no mínimo um livro por dia. Aurora diz trabalhar duas vezes na

semana e Valente de acordo com o projeto.

Ana cita que faz uso frequente, sem dia específico, ela coloca que se a turma estiver muito agitada, conta mais de uma história por dia, “pois as histórias acalmam as crianças”. De acordo com Debus (2006), ao contar histórias para crianças bem pequenas o profissional influencia diretamente na aprendizagem, pois através da leitura a criança desperta sensibilidade e imaginação.

Nesse sentido ainda, Malévola diz que “não há um planejamento específico para a contação, porém, quando sobra um tempo, a gente até inclui no planejamento e até procura estar levando eles lá embaixo, quando tem menos criança na sala [...]”. Quando Malévola diz *lá embaixo*, refere-se à localização da sua sala, que fica um andar acima da secretaria, onde está o “Cantinho da Leitura”, e “fica difícil levar todos os bebês”. Os espaços para a contação de histórias são importantes, porém pode-se criar espaços dentro da própria sala, que conforme Mello (2016) esses ambientes devem ser aconchegantes, com bastantes almofadas e livros a altura dos pequenos, para que eles possam mexer com autonomia nos livros, assim conhecendo-os melhor.

Sabe-se que conhecer teoricamente as implicações da literatura infantil pelas professoras, é essencial no desenvolvimento de atividades para as crianças bem pequenas. Nesse sentido, as entrevistadas foram perguntadas sobre os referenciais teóricos estudados por elas. Diante disso 4 (quatro) das professoras entrevistadas citaram ter cursos pela instituição em que trabalham, as outras 3 (três) citam não ter nenhum curso ou falam do magistério e pedagogia como especialização na área de contação de histórias. Além do mais, Pocahontas diz trabalhar livros da “Coleção Pequeno Mundo” e outros autores que trabalham mais imagens, porém, não citou nenhum em específico. Valente e Ana ressaltam que fizeram o curso da instituição, porém não sabem dizer quais autores fundamentaram a teoria, só disseram que era sobre contação de histórias. Malévola menciona não ter nenhum tipo de curso a não ser a faculdade e cita um grupo que é contratado pela instituição que vem ao CEI e faz contação de histórias e musicalização com as crianças.

A teoria é fundamental para a concretização da prática de contação de histórias, a escolha dos livros e espaços, são de extrema importância para o desenvolvimento e a aprendizagem, por isso é valioso que o profissional da Educação Infantil não caia na mesmice,

inove suas práticas, fazendo com que a contação de histórias faça diferença na vida de cada criança. Para finalizar, Abramovich fala que “[...]é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo[...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16). Por isso cabe ao adulto promover a prática de contação de histórias para as crianças bem pequenas, para que elas aprendam e desenvolvam o desejo de ouvir e ler.

5 CONCLUSÃO

Ao retomar os objetivos propostos nesta pesquisa pode-se compreender a importância da contação de histórias para as crianças bem pequenas. A resposta das professoras referentes a essa questão teve unanimidade, sendo que todas afirmaram que a contação está presente em seus planejamentos. Destacaram a relevância de utilizar diferentes recursos nos momentos de contação, possibilitando interação professor, aluno e colegas, promovendo momentos individuais ou em grupos.

A partir da elaboração do referencial teórico, coleta e análise dos dados foi possível constatar que o livro, além de informar e ensinar pode oferecer à criança o prazer de ouvir, imaginar e desejar ler. Tendo isso em vista, a criança bem pequena ao ter contato com livros pode se interessar pela leitura, buscando cada dia mais a magia, ludicidade e encantamento. As intencionalidades da maioria das professoras ainda estão vinculadas a temas trabalhados, por vezes não entendendo como intenção pedagógica o próprio prazer das crianças.

Considera-se o tema deste trabalho de extrema relevância para professores em formação, pois as crianças bem pequenas precisam tanto quanto as professoras de encantamento pelo livro, pela história, pela narração. Portanto, sugere-se que para uma próxima pesquisa, o processo investigativo aborde se o gosto pela leitura do professor, pode influenciar na regularidade das contações de histórias.

6 REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação: Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: encurtador.com.br/BIZ36. Acesso em 13 de Nov 2018.

BRASIL, Ministério da Educação conselho nacional de educação básica. **Conselho nacional de educação/câmara de educação**. Proposta de Regulamentação da Lei 9.394/96. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb041_06.pdf. Acesso em: 10 Out 2018.

CRICIÚMA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Criciúma**: a criança como protagonista da aprendizagem. Criciúma, SC: Prefeitura Municipal Secretaria de Educação, 2016.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança**: A leitura literária na Educação Infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988. 176 p.

GIROTTTO, Cyntia Grazielim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Práticas de leitura na infância: Desatando os nós da formação de ouvintes e leitores. *In*: GIROTTTO, Cyntia Grazielim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p.11-38.

LEONTIEV, Alexis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VIGTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Vila Lobos. 8.ed. São Paulo: Icone, 2001.p. 59-83.

MELLO, Suely Amaral. Leitura e literatura na infância. *In*: GIROTTTO, Cyntia Grazielim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p.39-56.

RIBEIRO, Aline Escobar Magalhães; LIMA, Elieuz Aparecida de; SILVA, Greice Ferreira da. Os objetos e os livros: A criança de 1 a 3 anos. GIROTTO, Cyntia Grazielim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p.85-102.

SILVA, Ana Laura Ribeiro da; CHEVBOTAR, Aletéia Eleutério Alves. Os bebês e os livros: A comunicação afetiva. *In*: GIROTTO, Cyntia Grazielim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. p.57-84.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. Lisboa: julho, 2008.